

A ESCOLA D'ATHENAS: PINTURA DE RAPHAEL.

A *escola d'Athenas* é a denominação d'uma celebre pintura no Vaticano em Roma, em que o insigne Raphael quiz representar os methodos d'ensinar dos principaes philosophos da Grecia, que em diversas epochas floresceram naquella antiga capital da Attica. Não foi a intenção do pintor mostrar á vista a composição de uma escola só; mas sim a suc-

cessão de todas ellas segundo a ordem dos tempos, de fórma que ver o quadro é o mesmo que ler a historia.

Como Pythagoras ensinou em differente região [na Magna Grecia], por isso não está representado na mesma linha dos philosophos athenienses, mas sim no primeiro plano, dando logo na vista, para mos-

trar a sua grande antiguidade, e a differença do lugar da sua residencia: o pintor o figurou escrevendo, encostando o livro ao joelho esquerdo, e apoiando o joelho direito na mesma pedra quadrada em que firma o pé esquerdo; o homem idoso que lhe fica ao pé escrevendo também sobre os joelhos é Empedocles, seu discipulo; á esquerda deste vê-se uma figura inclinada para diante como para dar attenção ao que Pythagoras escreve: junto deste mestre ha um mancebo mostrando n'uma tábua figuras symbolicas, e a engraçada physionomia logo mais atraz é [pelo que dizem] o retrato do duque d'Urbino, amigo e protector de Raphael; porque este homem celebre juntou no quadro figuras, que chamaremos accessorias das principaes, que pelas diferentes attitudes se notam no todo da composição, e as caras são outros tantos retratos dos bemfeitores e amigos do illustre pintor: tal é pelo menos a tradição historica. O homem contemplativo também no primeiro plano, que tem uma penna na mão direita e a face inclinada na esquerda, suppõe-se ser Zeno, fundador da seita estoica, mas adherente ás opiniões de Pythagoras e de Socrates. Diogenes entra no quadro como cynico; está assentado meio nú nos degraus; chamaram-lhe os athenienses cão porque em toda a parte comia e se deitava. Em todas as figuras dos diferentes grupos se observam varias expressões de physionomia, denotando maior ou menor grau de attenção e intelligencia.

Quatro degraus acima da escola de Pythagoras está a de Socrates, o immediato na ordem dos tempos; o militar de capacete e todo armado é o celebre Alcibiades: mais para traz ha uma personagem de idade, que é Antisthenes, o cabeça da seita cynica, não por seus costumes, mas por suas opiniões singulares; entre este e o grande Socrates, que está conversando com Alcibiades, divisa-se um mancebo com a mão esquerda sobre o peito e a direita encostada á cara, é Xenophonte, o historiador illustre, o caudilho da retirada dos dez mil, que escuta os discursos do mestre.

Mas lá apparece no centro do quadro magnifico o divino Platão, sobraçando com uma das mãos um livro, e com a outra apontando para o céu; clara designação da sua crença na immortalidade da alma, e da sublimidade da sua philosophia. A ultima escola é a do assombroso Aristoteles, mestre d'Alexandre o conquistador, homem que soube quanto em seu tempo podia saber-se, e cujas acertadas observações e juizos os modernos tem confirmado: ao lado estão os seus discipulos, entre elles o principal, Theophrasto, auctor dos famosos *Caracteres*, com barba comprida e postura grave: as attitudes das figuras deste grupo são bellas e variadas na pintura original, como todas as desta magnifica composição. No primeiro plano, do lado opposto á escola de Pythagoras está um professor de mathematica, que alguns suppõem ser Euclides, traçando figuras de geometria que explica aos seus discipulos. A proposito citaremos o letreiro da porta da aula de Platão, que dizia = *Quem ignorar a geometria não entre por esta porta*: tão necessario reputava o principe dos philosophos o conhecimento da mathematica para o estudo de todas as outras sciencias. Por isso o habil pintor, cuja nobre arte tanto depende dos preceitos mathematicos, poz a escola geometrica logo, para assim dizermos, no vestibulo do seu quadro, querendo assim mostrar a antiguidade deste ramo do humano saber, e a indispensavel necessidade de conhecer os seus rudimentos para entrar em qualquer disciplina, como o profundo Platão exigia. Ao pé do géometra estão um principe coroado e um ancião

com os dois globos celeste e terrestre, indicando a escola da geographia e da astronomia, e mostrando de quanta estimação é credora, honrada e digna de ser cultivada por todas as idades e jerarchias. Um pouco mais atraz ha dois homens, um mais idoso, outro ainda mogo, que ouvem a explicação, e as suas physionomias são os retratos do auctor do quadro, Raphael, e de seu mestre, Perugino.

Nesta obra patenteou Raphael d'Urbino o seu talento prodigioso e o conhecimento que tinha da antiguidade, offerecendo em bem acabada allegoria as paginas da historia philosophica dos antigos sabios gregos. Finalmente no pensamento original e no desempenho é esta pintura digna do apreço com que geralmente tem sido estimada pelos mestres e entendedores. Na galeria das aulas em Oxford, na Inglaterra, ha uma copia admiravel, em ponto grande, desta obra do insigne Raphael.

SOBRE O HOMEM.

Character physico do homem.

AINDA que a constituição physica do homem o não isente das leis da geração, crescimento e dissolução, a que estão sujeitos todos os animaes, é todavia de uma especie peculiar e distincta. A organização que lhe deu o Creador é muito mais complexa e perfeita que a dos brutos; a sua presença nobre, e a disposição de que é dotado para obedecer aos impulsos de uma alma intelligente, á penetração da qual ainda se não conhecem limites, são qualidades que o distinguem essencialmente dos irracionais, sobre quem exerce absoluto dominio. O poder mental do homem é tão vasto, e o fim das suas acções bem dirigidas tão nobre, que mui apropriadamente o equipararam os escriptores sagrados aos anjos. Philosophos tem havido, ou gente que impropriamente assim se denomina, tão cega adversaria da razão que, fundada no livre arbitrio do homem, sem o qual elle não ganharia merito, nem mereceria castigo, o confundem com as classes mais infimas da criação animal. E outra conhecemos que, attendendo apenas aos impulsos das inclinações naturaes, se faz inferior aos mesmos brutos, achando que só delles a distingue a *visibilidade* e a articulação das palavras: deixemo-los porem com os seus desvarios e quimeras. A nossa organização parece-nos em certo modo defeituosa: — a extrema debilidade da constituição humana no primeiro periodo da existencia; a lentidão com que se desenvolve; a multidão das necessidades que a cercam; e a variedade dos males e perigos a que está exposta, não tem parallelo com igual estado dos brutos. Comtudo por mais imperfeito que seja o homem olhado por este lado quem desconhecerá que lhe resultam grandes bens das desvantagens physicas e inseparaveis da sua condição?

Se o homem possuísse forças de elephante, não se teriam inventado as machinas; e se a natureza o tivesse coberto com a pelle insensivel aos raios do sol e á intemperie das estações não haveria no mundo uma só manufactura: — em ambos os casos jazeria na mais brutal indolencia, ignorando e desprezando todas as artes, que fazem o regalo da vida, e o adorno da natureza. Portanto, o conhecimento da debilidade corporea, e das necessidades que a cercam, despertou-lhe faculdades que, d'outro modo, teriam permanecido inertes na sua mente. Uniu-o a creaturas da sua especie por vinculos de amor e amizade; — obrigou-o a idear varias formulas uteis á sociedade; e em virtude desta união e do mutuo

esforço intellectual deu-lhe não só os meios de exercitar dominio sobre todos os viventes, mas até os de dar direcção ao poder da natureza.

Dispersão dos homens sobre a terra.

Descobrimentos feitos por modernos navegantes mostram evidentemente que a raça humana está espalhada por toda a terra habitavel. Tem-se encontrado tribus de homens nas regiões mais calidas, assim como nas mais frias latitudes do polo, sobre ilhas cercadas de immensos oceanos, e, ao que parece, sem communicação com o resto do mundo. Ao norte das ilhas de Spitzberg e Nova Zembla, e ao sul das ilhas Maluinas e Sandwich, são os únicos pontos de alguma extensão aonde se não tenha encontrado habitantes. Portanto a especie humana acha-se espalhada desde o solo esteril do cabo de Horn, 56 graus de latitude do sul, até 75 graus ao norte; e mesmo os adustos areas do interior da Africa, segundo affirmam modernos viajantes, contem tribus de homens que vivem sob um grau de calor que faz ferver o alcohol; e outras ha que se conservam no grau de frio que regela o azogue.

Unidade da especie humana.

Apesar da dissimilhança que se observa na estrutura e compleição dos animaes dos diversos paizes, não ha rasão alguma para duvidar de que a raça humana fórma um só *genero*, e uma só *especie*; isto é, que todas as classes de homens procedem d'um só individuo. Esta verdade, a religião no-la ensina e a rasão a demonstra. Para muita gente será bastante o testemunho da revelação; a outra porem mais se convencerá com os seguintes argumentos. E antes de formarmos alguns raciocinios bom será explicar que cousa é *genero* e *especie*, já que destes termos nos servimos.

Uma raça de animaes — uma classe de plantas que se distingue em estrutura, por algumas particularidades, e se propaga de geração em geração, sem modificação alguma, fórma uma *especie*; devendo nós concluir, em saã philosophia, que estes individuos procedem de um só par, sendo animaes, e da mesma semente, sendo plantas. A palavra *genero* tem significação mais lata. Ha especies que se-melham tanto umas ás outras, que é necessario estabelecer-lhes classificações. O cavallo, o burro, a zebra, &c., são um exemplo d'especies diferentes: o touro e o bufalo, &c. formam outro (*).

Como não possa achar-se a causa physica da differença que se nota entre a estrutura do cavallo, e a do burro e zebra, bem como entre a do touro e bufalo, acertado é concluir que por mais que elles se assemelhem, não deixam por isso de descender de diferentes individuos; o cavallo, de cavallo e egua; e o burro, de burro e burra, &c. Finalmente, o *genero* é a collecção de varias especies que se parecem umas com outras. É comtudo difficiloso distinguir ás vezes as *especies*, e reduzir a uma só alguns individuos, pela grande variedade que nelles se encontra. Os naturalistas porem entendem que estas diversidades procedem de causas externas que concorreram no par, e que este propagou a seus descendentes sem mudar a especie.

O primeiro criterio que nos leva a acreditar que todas as castas humanas pertencem á mesma especie são as leis geraes da economia animal. Se se encontrarem duas castas de animaes, cuja duração de vi-

da seja a mesma; que em suas funcções naturaes observem identicas leis; que vivam sujeitas ás mesmas enfermidades, e que sejam susceptiveis dos mesmos contagios, ha, nesse caso, uma rasão quasi certa para reputa-las de igual especie. Ora, acontecendo isto ás castas humanas, segue-se que ellas formam uma e mesma especie. Outro modo, e talvez o mais seguro, de resolver a questão será examinar se as diversidades que se notam na especie humana são strictamente analogas em fórma, côr, &c. ás que observamos n'outras especies de animaes. E assim que entre os cães, carneiros, e outras especies, se acha maior differença do que entre os homens; sendo rasoavel concluir que estes formam especie identica, isto é, que descendem dos mesmos pais.

Examinemos agora se as particularidades que distinguem as diversas castas de homens são de natureza tal que possam constitui-las especies diferentes. Alguns escriptores pretenderam que a duração da vida varia entre os europeus e demais nações do globo; — supposição gratuita, falsa em sua applicação, e que se destroe comparando as nações civilisadas entre si, e uma nação civilisada com outra selvagem. Esta deve necessariamente viver menos, attendendo ao desenfreamento dos seus costumes, e á possibilidade de que os individuos que a compõem contraiam enfermidades e feridas que não sabem curar. A não serem estas desvantagens as nações barbaras teriam duração igual á de qualquer outra raça. Os americanos tanto do norte e sul, como dos tropicos, gosavam mais larga vida que os europeus. Os peruvianos, segundo Garcilasso, o historiador inca, viviam 70, 90 e até 100 annos, assim nos valles temperados, como nos desertos incultos, encontrando-se nelles vulgarmente casos de extraordinaria longevidade. Humboldt falla de um indio do Perú que viveu com boa saude 143 annos, e de uma indiana que falleceu em 1780 na idade de 175 annos. Os mexicanos gosavam extensa vida, segundo se lê na historia daquelle paiz escripta por Ixtlilxochitl (*) pouco depois da sua conquista. Pelas leis mexicanas nenhum chichineca podia reinar mais de 52 annos, nem princeza alguma casar antes de 40. Contam-se alli principes que tiveram descendencia aos 101 annos; e existiram o chichineca Icuauhtzin, e o seu successor Mozetloquixtzin que viveram, o primeiro 180 annos, e o segundo 150. Os lapões tambem duram largamente; e os pretos, a esse respeito, não fazem differença dos brancos. Portanto a duração da vida prova a unidade da especie humana.

O mesmo é applicavel ás doenças, pois se tem observado que os contagios infestam irmaamente as

(*) A historia inedita sobre a origem dos mexicanos, e dynastias dos chichinecas, ou soberanos, &c., pelo indio Ixtlilxochitl, da familia de Montesuma, escripta pouco depois da conquista daquelle imperio pelos hespanhoes, estava-se ha pouco imprimindo em Londres sob a inspecção de um litterato hespanhol. O manuscrito foi mandado por Fernando 7.º ao visconde Kingsborough, e este nobre lord o acrescentou á sua excellente obra intitulada *Antiguidades mexicanas*, da qual formará o 9.º Tomo. — M. Ternaux Compans, que se deu ultimamente ao improprio trabalho de traduzir 1:153 obras antigas, escriptas em latim, italiano, alemão, portuguez, inglez, e hespanhol, isto é, todas as que desde a primeira viagem de Colombo até o principio do seculo passado dizem respeito ás cousas da America, incluiu no oitavo tomo da sua compilação *A memoria das crueldades praticadas pelos conquistadores do Mexico e pelos indios que os ajudaram a submeter este imperio á coroa d'Hespanha*, por D. Fernando Alva Ixtlilxochitl, anno de 1600. Este escriptor descendia do principe de Terenco, mexicano, alliado e amigo de Fernão Cortes, a quem acompanhou na famosa expedição á capital do Mexico.

(*) Vid. mais largamente acerca da classificação dos animaes a pag. 11 do 1.º vol.

differentes tribus, ainda que os habitantes de um clima sofram ás vezes mais do que outros. Enfermidade haverá que seja indigena, mas essa trasplanta da a outro paiz atacará indistinctamente qualquer homem. Os europeus, que levaram á America as heixas destructoras, trouxeram em cambio molestia não menos perniciosa; tornando-se as duas enfermidades igualmente fataes a europeus, americanos, negros, e asiaticos. A differença que se nota na constituição póde ser effeito de uma dieta continuada por muitos seculos. A constituição do americano é mais laxa, e a do europeu mais irritavel. O alimento diario daquelles era, em geral, o de umas duas onças de milho grosso tostado ao sol, ao passo que o europeu vivia na abundancia. Alem disso a constituição physica é a mesma entre os habitantes de ambos os mundos; e se alguns desvios podem notar-se nas leis da economia animal, não é isso peculiar a uma casta, posto que se encontrem entre nações do mesmo continente. Outro methodo de investigação é examinar se a côr, figura e estatura das differentes castas humanas teem analogia com a que se encontra nas especies de animaes inferiores. Descrevâmos pois as variedades mais caracteristicas que se notam nos homens.

Variedade de côr.

A primeira variedade que dá logo nos olhos é a côr. Bem sabido é que existe mutua correspondencia entre a côr da cutis e o cabello e olhos dos individuos. Sem tratarmos d'excepções, pois todas as regras as teem, póde dizer-se que olhos azues são sempre acompanhados de côr alva e cabellos louros; mas como a relação entre a côr da pelle e a do cabello é mais universal por isso a mencionaremos com preferencia.

A côr do cabello é o signal que particularmente distingue os habitantes das varias regiões. São de tres especies: preta, loura, e albina. A primeira comprehende todos os individuos e castas que teem o cabello preto, e abrange a maior parte da especie humana, desde o Japão e China até Portugal. Na Africa e America o cabello preto, castanho, e escuro é o que mais se vê, exceptuando algumas terras muito ao norte da Europa e Asia, aonde ha algumas tribus com cabellos amarellos. O cabello preto differe em quantidade, qualidade, e grossura desde as madeixas dos japonezes e chins que lhes chegam quasi aos pés, até á achatada carapinha dos negros africanos. A côr da cutis tambem varia, por identica razão, desde o preto azevichado dos ethiopes até á alva tez dos alemães. A diversidade de côres é tal que se não póde enumerar: — n'um paiz reina a côr de cobre mais ou menos escura, como nas castas americanas, principalmente ao norte; — n'outros a amarelenta, como a dos japonezes. A maior parte dos habitantes da Asia teem côr azeitonada; e a citrina vai mudando desde a Persia até o estreito de Gibraltar: a tez dos espanhoes é mais escura que a dos alemães, e os portuguezes são mui semelhantes aos seus visinhos. Entre as nações da Europa a differença não provem das castas, mas sim da latitude. A raça dos albinos (*) acha-se communmente entre os indios americanos do Darien, e nas ilhas austraes. Tambem ha albinos entre as nações europeas, e existem familias albinas desde remotas gerações na provincia de Santa Fé e Paraná. Os habitantes do Indostão olham os albinos com tanto horror como se fossem abortos infernaes. A circumstancia mais extraordinaria na variedade de

compleições é dos pretos-brancos, entre as raças africanas. Os monarchas daquellas regiões adustas usam ter em seus palacios, como objecto de curiosidade, esses caprichos ou joguetes da natureza. O cabello dos mesmos é como o pello de cordeiro branco, e podem ser reputados albinos daquelle paiz. A côr loura deve considerar-se como intermedia das outras duas, e domina nas regiões frias da Europa e Asia. Os indios, posto que tenham geralmente cabello preto, vêem-se comtudo bastantes com cabello e barba d'outras côres. Tambem na Arabia ha gente ruiva, e muita mais no imperio russo. Finalmente em todas as nações da Europa se encontram pessoas louras e ruivas, em maior ou menor quantidade.

(Concluir-se-ha).

O ARCEBISPO D. GONÇALO PEREIRA.

O ARCEBISPO D. Gonçalo Pereira, foi filho segundo de D. Gonçalo Pereira, e irmão de D. Vasco Pereira, de quem procedeu a nobilissima casa da Feira. Sendo mogo, e estudando em Salamanca, houve de uma senhora, por nome D. Theresa Peres, um filho que se chamou D. Alvaro Gonçalves Pereira, o qual veio a ser prior do Crato, e um dos cavalleiros que mais honraram Portugal. — Teve este muitos filhos, entre os quaes o de maior nome foi o grande D. Nuno Alvares Pereira, pelo qual o arcebispo D. Gonçalo veio a ser o illustre progenitor de todos os reis e principes da christandade. — Depois que acabou em Salamanca os seus estudos, em que fez progressos não vulgares, veio para Portugal, e foi eleito bispo de Lisboa, depois arcebispo de Braga, e em uma e outra dignidade deu grandes provas de singular talento. — Defendeu com valor insigne as prerogativas e privilegios da sua diocese, que lhes pertendiam quebrar os ministros d'elrei: — illustrou com edificios, e enriqueceu com ornamentos e preciosas joias a sua igreja. — Foi tão generoso e liberal que passou a proverbio n'aquelles tempos o dizer-se: "*Liberal como D. Gonçalo.*"

Não foi menos illustre nas acções politicas e militares. Havendo porfiadas guerras, pelos annos de 1336, entre Portugal e Castella, entrou pela provincia d'Entre Douro e Minho, D. João de Castro, governador do reino de Galliza, com um pé d'exercito roubando e destruindo os logares abertos; e quando já voltava lhe sahiu o Arcebispo com uns poucos homens que póde ajuntar e derrotou os gallegos inteiramente, com a morte do capitão e trezentos soldados. — Quatro annos depois se ajustou por sua intervenção a paz entre um e outro reino. — Foi tambem a sua industria e prudencia grande parte para a quietação de Portugal nas contendas que o infante D. Pedro trazia com seu pai elrei D. Affonso 4.^o pela morte de D. Ignez de Castro. — Por seu meio vieram a serenar-se aquellas tempestades, conferindo elle e ajustando as condições, favoraveis ao filho e decorosas ao pai. Aonde com maior utilidade e mais gloriosa fama resplandeceu o seu valor foi na memoravel victoria do Salado. — Havendo duvidas sobre se dar a batalha, e propondo alguns castelhanos que era conveniente tratar de accommodações, o arcebispo D. Gonçalo foi de contrario parecer, e a batalha se deu com felicissimo successo. — Morreu o arcebispo em 6 de Março de 1358, e jaz na cathedral de Braga em uma nobre capella, que elle mesmo edificou para seu jazigo.

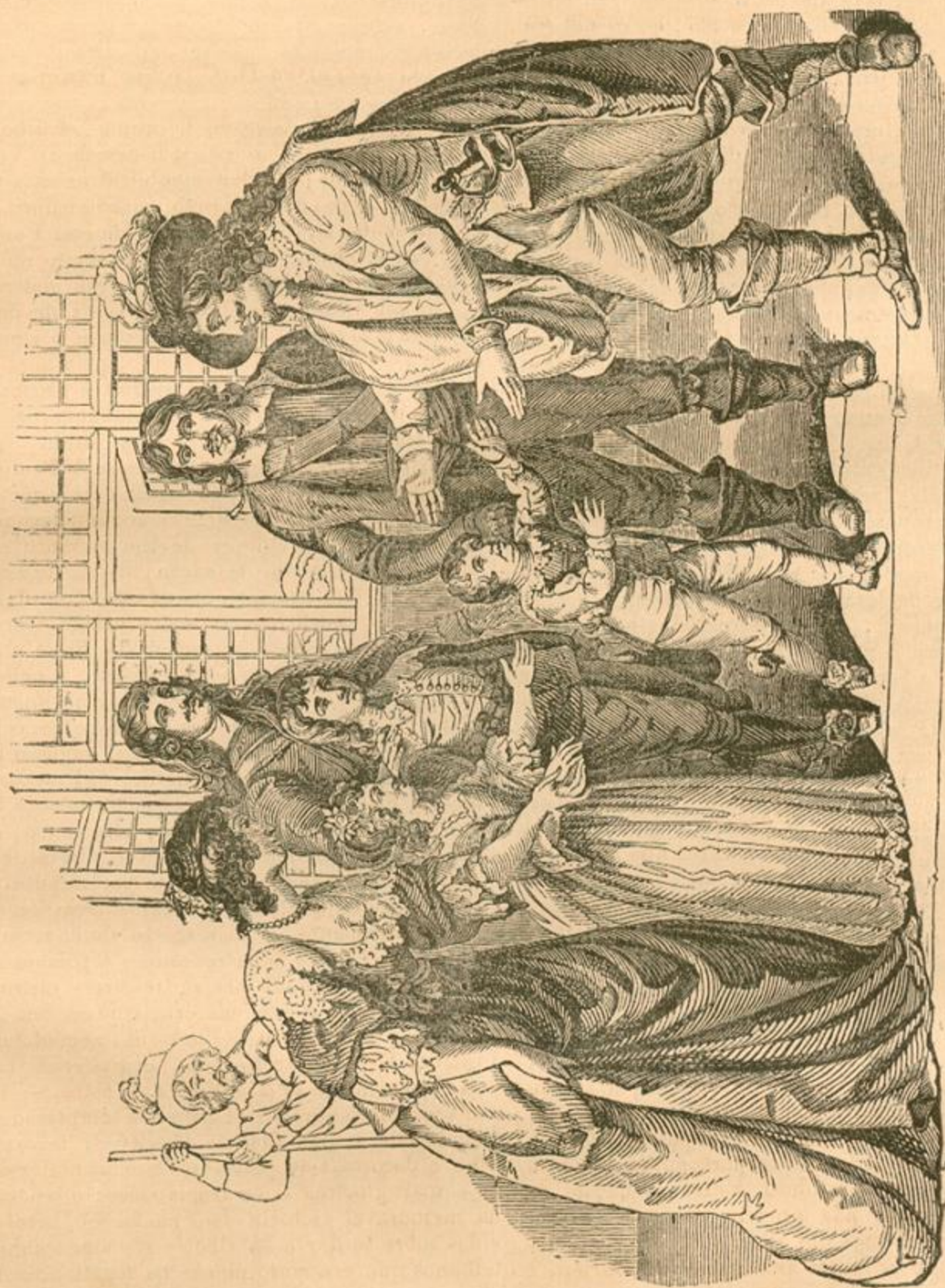
(Ann. Hist.)

(*) Vid. sobre esta degeneração a pag. 274 do 1.^o vol.

O POETA INGLEZ WALLER.

Os defeitos capitaes dos poetas são a lisonja e a satyra, e no primeiro delles ninguém igualou a Waller. — O genio adulador deste poeta tornava-se mais notavel pela differença de caracter dos principes que elle lisongeava. — O obstinado Carlos 1.^o; o hypocrita e regicida Cromwell; o jocoso e libertino Carlos 2.^o, e o fanatico James 2.^o, todos serviam de assumpto heroico para sublimes louvores de Waller, que com todos se dava bem, porque elle não peccava em intenção, mas somente em palavras collocadas metricamente.

Waller não só exaltou até os céos o usurpador Cromwell em quanto vivo, porem até compoz por morte do mesmo um elogio funebre, reputado obra prima em poesia ingleza. Pouco tempo depois subiu ao throno o expatriado Carlos, e eis que o poeta cortesão lhe appresenta uma composição poetica prodigalizando-lhe elogios com mãos largas. Lendo-a porem o monarcha mandou chamar Waller e lhe disse mui indignado, que os versos que lhe dedicára continham menos elogios do que os que fizera em honra de Cromwell: — «Senhor, respondeu Waller sem perturbar-se, nós os poetas só costumâmos brilhar em assumptos de mera ficção.»

CARLOS 1.^o DESPEDINDO-SE DA SUA FAMILIA.

A FAMILIA dos Stuarts, perseguida por desastrosas fatalidades, e ecelebre por infortunios repetidos, pertencia Carlos 1.^o, filho do rei James [Diogo], 1.^o d'Inglaterra e 5.^o d'Escocia; e era neto da desgraçada Maria Stuart; tempestuosa lhe correu a vida co-

mo a sua avó, e como ella acabou funestamente (*). Difficultosas por extremo eram as circumstancias da

(*) Os leitores acharão uma noticia da vida da esposa de Carlos 1.^o a pag. 209 do 3.^o vol., e a biographia do usurpador Cromwell a pag. 91 do 2.^o

monarchia britannica quando empunhou Carlos o sceptro de seu pai em 1625: mas alem dos contratempos, que procediam do estado do reino e necessidades da epocha, quiz a sua má estrella que ainda vivesse, para o encaminhar, ou para melhor dizer, governar, o duque de Buckingham, que tudo podia em tempo de James 1.^o, e que d'antemão conseguira imperioso ascendente sobre a pessoa do principe de Galles, antes da morte do rei. Fatalissimo ministro foi este que, nos primeiros annos do governo de Carlos, não só causou as guerras entre a Hespanha e a Inglaterra, entre esta e a França, mas tambem a mortifera dissensão entre o throno e o povo inglez. A desventura do monarcha nasceu do seu ministro e conselheiro. Para sustentar a guerra estrangeira o rei teve de pedir subsidios ao parlamento, que, para derribar o valido, ou os negava, ou os concedia por extremo diminutos, dahi resultou dissolver-se o parlamento, e o rei, privado de recursos constitucionalmente obtidos, lançou mão de meios violentos e muitos delles illegaes. Quem promoveu e estabeleceu a funesta divisão entre o poder legislativo e a corôa foi o duque de Buckingham, e quando morreu, em 1628, já o mal estava feito e enraizado. Ficou o rei só em campo a sustentar o combate, por conta da monarchia, contra o principio democratico offendido; e a arena da peleja se tinha dilatado, entremeando-se questões politicas, constitucionaes e religiosas com a muito simples dos subsidios: agitados andavam já os animos. Convocado o novo parlamento rompeu a luta que estava abafada: decorreram mezes, apparecendo ora da parte da representação da nação medidas legitimas e ás vezes tentativas anticonstitucionaes, ora da parte da corôa providencias prudentes e ás vezes violencias e não poucas fraquezas: lembrou então o meio extremo; o rei despediu o parlamento. Divulgaram-se manifestos para expôr a situação em que o throno se via, e que declaravam abertamente que o rei ia governar só por si, sem concurso alheio; ou, por outras palavras, que a Inglaterra passava de facto de um governo representativo para um estado submettido ao poder absoluto.

Tomada esta resolução, por quasi dez annos, restabelecida a paz externa, a Inglaterra gozou interiormente de grande socego, e era incontestavel a prosperidade publica; mas estava violada a constituição e a Inglaterra se não achava n'um estado definitivo, que offerecesse penhores de futura estabilidade; e as desordens de 1628 tinham deixado nos animos ira e desconfiança, tinham creado habitos de resistencia, de opposição; os ultimos protestos do parlamento dissolvido em pró dos direitos e immunidades nacionaes retumbavam de vez em quando como echos solitarios e remotos no meio da apparente bonança do reino. O conspecto da ventura e quietação, que se desfructava, não absolvía perante a maioria dos inglezes o poder absoluto, que a promovia; azedava-se o fermento da violenta separação, levando-se no ocio, sob influencias nada propicias para a corôa. Veio porfim nova collisão, que não era difficil prevê-la; e encetou-se a contenda em chão perigoso, ateou-se a flamma em materia summamente inflammavel: motivos religiosos causaram a nova ruptura.

Carlos, que herdára de seu pai o projecto de reunir a igreja escocesa á d'Inglaterra tinha ensaiado as suas primeiras tentativas, e nada infructuosamente, n'uma viagem que fizera pela Escocia, mas recoso, segundo o seu character indeciso, de levar de prompto ao cabo a execução de seus intentos, demorou para outra occasião, que mais opportuna julgas-

se, pôr em pratica a junção das duas igrejas. No entanto os adversarios religiosos desta religião, e os inimigos politicos do throno trabalharam incessantes pela evitar, e o conseguiram: de fórma que decretando Carlos, em 1637, que na Escocia fosse seguida a liturgia anglicana, rebentaram logo tumultuosas sedições, e dahi a pouco promulgou-se a declaração de fé, tão famosa na historia pelo nome de *covenant*, palavra ingleza que significa contracto ou estipulação. Assustado o rei, em vez d'obrar energicamente, como fôra aconselhado, continuou na indecisão de que tantas próvas dera; recuou no meio da carreira satisfazendo-se em rebater com outra declaração, apellidada *covenant of the king*, a que os escoceses tinham feito. Mas com taes palliativos os presbyterianos da Escocia se animavam e encendiam, e breve da resistencia religiosa passaram a declarada rebellião: poz-se em campo [1638] um exercito escocoz. Ajuntou o rei numerosas tropas com que podéra suffocar a revolta; mas como, por ser compatriota, professava grande affeição aos escoceses, em vez de os rebater e esmagar, tratou só de os intimidar: entablaram estes negociações e simularam prompta submissão, mas era o seu fito ver se Carlos desfazia o armamento de gente que levantára. Com effeito, assim que o exercito real se desbaratou, a rebellião escocesa resurgiu poderosa, como nunca. Taes foram os elementos de destruição em que naufragou temporariamente o sceptro britannico.

Para resistir á Escocia, precisava Carlos ligar-se com a Inglaterra, e para o conseguir deliberou-se a restituir-lhe o parlamento: mas eram tão melindrosas as circumstancias, tão desconfiado o corpo da representação nacional, tão malleavel a côrte, e taes e tão imprudentes ou perfidos conselheiros rodeavam o principe, que em vez de lhe servir d'auxilio a abertura dos estados da nação, lhe foi causa de grave damno, maiormente quando precipitadamente os encerrou, crendo obviar maior perigo. Poucos mezes eram decorridos e o monarcha via-se obrigado a negociar tratados com os escoceses, a pagar tropas armadas contra elle, e a convocar novamente a camara, que com o nome infaustamente celebre de *long-parliament* occupa nos annaes inglezes logar em muitas cousas analogo ao que nos de França veio modernamente tomar a bem conhecida convenção nacional. Não eram bem completos dois annos, e toda a Inglaterra ardia em guerras civis. Carlos foi vencido na luta e obrigado a ceder ao parlamento. Os dois ministros mais zelosos das prerogativas da corôa, o conde de Strafford e o arcebispo Laud morreram no cadafalso, sem que as concessões e fraquezas do monarcha os podessem salvar; terriveis e sinistros foram taes precedentes na occasião em que o throno corria os riscos da varia sorte das armas, e quando não havia o vigor, firmeza, e prudencia necessaria da parte de quem o occupava.

Em dois campos de batalha se dividiu o paiz, cada qual com seu cabeça; Cromwell ia avultando a par de Carlos 1.^o Durante tres annos favoreceu a fortuna a causa e as armas reaes; mas todas essas vantagens se anniquilaram na derrota total e decisiva em Naseby, onde Cromwell alcançou completa victoria em 1645. O monarcha fugitivo foi lançar-se nas mãos dos escoceses que o venderam aos inglezes: transportado de prisão para prisão, cuberto d'ultrajes, o infeliz herdeiro dos Stuarts foi encerrado na ilha de Wight. Por este tempo a revolução em meio de violentas e desordenadas commoções ia progressivamente adquirindo uma direcção fixa, caminhando para a concentração do poder; e assim aconteceu,

porque toda a revolução resumiu-se n'um só homem, Cromwell. Dissolvidos e dispersos os elementos da realza antiga, patente estava o logar a um poder novo; Cromwell que o ambicionava só via um obstaculo a seus intentos e era a pessoa do rei. «O desbarate dos *presbyterianos* (**) [diz um historiador] estava tão consummado como o dos *cavalleiros* (::); campeava o partido republicano; alguns animos especulativos e ousados presumiam governa-lo, e algumas seitas mysticas e fanaticas lhe promettiam o apoio da divindade; a sua fôrça estava no exercito: e Cromwell era o caudilho do exercito e o patrono dos entusiastas. A vida de Carlos 1.^o era um obstaculo á fortuna de Cromwell, e ao exito dos projectos de todas as fracções de partido.» Em tal apuro, em opposição com todos os interesses de partido, em crises de furor, de vingança e d'ambição, infalível era a desgraçada sorte de Carlos: com effeito pelos fins do anno de 1648 o trasladaram de Wight para o castello de Windsor, e o pozeram depois em julgamento como cabeça e fautor da guerra civil. A liberdade popular já estava coarctada pelo despotismo militar, Cromwell com os principaes da tropa dispunham a seu bel prazer as deliberações d'um parlamento infamissimo, tendo quasi desfeito o que pertendêra manter a integridade da sua jurisdicção. A camara dos *commons* estava reduzida a sessenta membros; mesmo assim alguns votos houve contra o julgamento do rei, e na camara dos *lords* ou pares, onde só havia dezesseis pessoas, foi a accusação unanimemente regeitada; mas sem lhe importar isso os *commons* instituíram um tribunal de justiça a seu modo e começaram o processo, que foi breve e monstruoso, como era de esperar: todavia a vontade regicida dos influentes, ou dominadores na assembléa, alguns obstaculos encontrou, porque sendo nomeados cento e cinquenta juizes, apenas sessenta e nove acceitaram o encargo. Facil é de presumir que a sentença que havia proferir similhante tribunal, lavrada estava já no acto da sua creação: Carlos, apenas ouvido tres vezes, foi condemnado á morte. Cromwel foi o actor principal deste drama lugubre. O rei quiz ser admittido a uma conferencia com as duas camaras para allegar sua defeza; mas o tribunal lh'o não consentiu, e apenas lhe concedeu tres dias para se preparar para a morte: estes passou o infeliz monarcha alternativamente em exercicios de devoção, e em colloquios com seus filhos: a sua ultima despedida é uma formosa e expressiva pintura de Middleton, cuja invenção se póde avaliar pela gravura anteposta a este artigo.

O procedimento de Carlos na desgraça e em seus ultimos dias foi nobre, e cheio de grandeza d'alma, de resignação e de brandura, no meio de ignominias e affrontas, e tormentos do espirito. Os inglezes ainda commemoram o anniversario da sua morte e o appellidam *martyr*. Foi generoso, franco, modesto, dotado de todas as virtudes domesticas, possuidor de claro e são entendimento, prezador e favorecedor das sciencias e artes: em tempos ordinarios teria sido um grande principe: mas infelizmente subiu ao throno n'uma epocha melindrosa e extraordinaria, na occasião de porfiada luta entre os antigos e os modernos principios politicos e religiosos nos seus estados: era incapaz da hypocrisia de Cromwell, mas não tinha a resolução e energia deste seu rival; não soube encaminhar, nem opportunamente sopear a opinião publica: mais que tudo o deitou a perder a sua indecisão nas grandes crises, nascida em parte

da timidez de character, em parte da bondade do coração. Carlos era bem apessoado, de boa physionomia, ainda que um tanto melancholica: nasceu em 1600, e foi degolado aos 30 de Janeiro de 1649, tendo 48 annos d'idade, e de reinado pouco mais de 23 e dez mezes. De Henriqueta de França, sua esposa, a quem por toda a vida foi fidelissimo, porque era de costumes castos e severos, teve tres filhas e tres filhos; destes, dois reinaram depois na Grã-Bretanha, Carlos, o principe de Galles, extincta a usurpação de Cromwell; e o duque de Yorck, que foi James 2.^o

GUIMARÃES.

2.^o

A CELEBRE collegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães foi reedificada pelo mesmo monarcha que erigiu o magestoso convento da Batalha. Das antigas memorias consta que no mesmo local havia a igreja fundada pela condeça Mumadona, e que o conde D. Henrique, quando com sua esposa, a rainha D. Theresa ou Tareja, assentou sua côrte em Guimarães, deu principio á collegiada com o título de capella real, constituindo nella clérigos e apresentando por primeiro prior ao seu physico mór, D. Pedro Amarello; e que seu filho e nosso primeiro rei, quando voltou do Alemtejo com o exercito, tendo sido aclamado em Campo d'Ourique, augmentára esta corporação com dignidades, declarando-se seu padroeiro: comtudo a fabrica do templo que ora existe pertence a D. João 1.^o; ainda que no interior da igreja a mania do seculo desfigurou, sob pretexto de reformas, reparações e ornamentos, as bellas feições caracteristicas da antiga architectura portugueza. A pag. 44 do volume terceiro com o testemunho de pessoa intelligente censurámos o mau gosto, que com dispendio de dinheiro e de annos de trabalho, em vez de restaurar e conservar a formosa obra do Mestre de Aviz, tudo transtornou e desfeiou, substituindo douraduras e inspidos ornatos ás variadas bellezas do gothico monumental. Era o tecto de grosso vigamento lavrado com esmero, genero de trabalho que ainda os estrangeiros admiram na sé do Funchal; as arcarias estavam em perfeita harmonia com a magnificencia do todo do edificio, as tres naves magestosas infundiam religioso acatamento na casa de Deus; primorosos eram os varios capiteis e cornijas com seus labores; mas com pedras brancas e madeiras douradas se tirou ao templo aquella veneranda côr da antiguidade que tanto realce dá ás fabricas de remotas eras: ficou como o rosto grave do ancião arrebitado com mentidas côres de mocidade, que em vez de respeito inspira tedio. Um nosso correspondente nos informa que apenas no exterior, que permanece intacto, se conhece o antigo gosto do edificio, mas que no interior não se apresenta cousa que suscite a idéa de D. João 1.^o, reedificador da igreja. Lá ficará portanto o frontispicio contrastando com os modernos reparos.

Ha pouco vimos [pag. 273] que tratando os francezes de reedificar a celebre abbadia de S. Diniz, vão substituindo pedra por pedra, exactamente da mesma fôrma e dimensões, sem desmanchar nem alterar um só membro, uma só feição do edificio. S. M. elrei D. Fernando, tendo comprado o mosteiro da Pena na serra de Cintra, que tão proxima nos fica, amenisou aquelle alcantilado cerro, suavizou a subida, porem na reparação fez rigorosamente conservar as fôrmas da antiga casa, até mandando

(**) Chamam-se assim os sectarios que não admittem jerarchia ecclesiastica.

(::) Denominação dos realistas inglezes naquella tempo.

que o cimento fosse por tal fórma preparado que fizesse o monumento com o aspecto e veneravel côr da antiguidade. Aonde a intelligencia e o gosto presidem ás reconstrucções das obras primas ou curiosas da arte, ha sempre a mais vigilante attenção em não se adulterarem, ou estragarem que vale o mesmo. Que se diria d'um pintor chamado para retocar um quadro, que transtornasse os traços, o estilo, em summa a *mancira* do mestre que o tinha feito?... Pois se tanto empenho e escriptulo ha em conservar a integridade d'um quadro original, porque não militarão iguaes rasões a favor dos monumentos da architectura?... Não desistiremos de tocar nesta materia todas as vezes que se nos offerecer occasião, porque desejamos que todos se persuadam que europeis e lentejoulas, que fascinam creanças, não valem os preciosos primores das artes, que se devem manter intactos e puros, salvando-os dos estragos do tempo e da devastação dos homens.

As tres naves da igreja de N. S. da Oliveira foram construidas por D. João 1.^o, porem a capella-mor ficou muito limitada até que elrei D. Pedro 2.^o em 1670, sendo ainda principe, a mandou fazer toda de novo de abobada de pedra apainelada. Segundo as dimensões que em sua descripção marca o P.^o Antonio Carvalho da Costa, tem o corpo da igreja da porta principal até o cruzeiro 49 passos, e 30 de largura. A obra de talha do coro da collegiada, de excellente madeira e bem fabricada, foi tambem feita com auxilio pecuniario de D. Pedro 2.^o em 1689.

A entrada da porta principal á direita e da parte de fóra ha um escudo d'armas de D. João 1.^o entre dois anjos, tendo por timbre um seraphim que sustenta nas mãos a corôa real, e abaixo do escudo uma pedra com a seguinte inscripção: — *Era de MCCCCXXV annos, 6 do mez de Maio foi começada esta obra por mandado d'elrei D. João dado pela graça de Deus a este reino de Portugal: este rei D. João houve batalha real com elrei D. João de Castella nos campos de Aljubarrota, e foi della vencedor, e á honra da victoria, que lhe deu Santa Maria, mandou fazer esta obra por João Garcia, mestre da pedraria.*

A igreja tem duas portas travessas, uma ao norte e outra ao sul; e por detraz da capella-mor ha um claustro com alpendrada por onde se fazem procissões que recolhem ao templo pela porta do sul; e em toda a sua redondeza ha varias capellas.

A torre dos sinos, cercada de ameias, com sua grimpá e relógio, fica á esquerda do frontispicio, e junto a ella olhando para o poente ha um tanque de tres bicas, por onde mana copia de excellente agua. Esta fonte tem seus ornatos, e quem a vê correr póde d'algum modo persuadir-se que a agua nasce dentro da torre, quando ella vem encanada da distancia de uma legua.

Dentro do templo, do lado da epistola, encostado á parede da capella do Santissimo, da parte do sul, abriu-se no grosso do muro um nicho, em que se recolheu a pia onde foi baptisado elrei D. Affonso Henriques, e tem letreiro que diz: *Nesta pia foi baptisado elrei D. Affonso Henriques pelo arcebispo de Braga S. Giraldo; e no friso do nicho ha outro, que se lê assim: Esta obra mandou fazer D. Diogo Lobo da Silveira, indigno prior desta igreja, no anno do Senhor de 1664.*

Ennobrece-se a sachristia desta real collegiada com o rico thesouro de alfaías e outros objectos para o culto divino e com o de preciosas reliquias: entre as primeiras é digno d'attenção o altar de prata, tomado a elrei de Castella na famosa batalha d'Aljubar-

rota, e doado a Santa Maria da Oliveira por D. João 1.^o: tambem alli se conserva o pelote que este monarcha trazia vestido naquelle dia memoravel para a independencia da nação portugueza e para a gloria das nossas armas.

Grandes foram os privilegios e immunidades de que os D. Priores-mores de Guimarães gozaram e todas as pessoas dependentes da real collegiada, como os seus rendeiros e caseiros, o que tudo se pode ver da carta de D. Affonso 2.^o passada a 6 de Setembro de 1217, e das regias concessões de D. João 1.^o, de D. Affonso 5.^o em 1455, de D. Manuel, de D. Pedro e de outros reis, como consta do archivo da mesma collegiada, sendo esta corporação congenita com a monarchia de Portugal, e uma prova da piedade dos nossos principes, que no bulicio das armas, no implicado dos negocios, nunca se descuidaram do esplendor da religião de Christo, que com toda a pureza se manteve sempre nestes nossos reinos, sem infecção das heresias que a outros estados da Europa tem por vezes flagellado.

RESUMO DAS RECEITAS E DESPEZAS DO R. ERARIO

Nos primeiros trinta annos do seu estabelecimento, desde 1762 até 1791, extrahido d'um mappa official.

Annos	Entr. de cada anno	Despeza	
1762	3738:516\$556		
1763	5529:455\$430		
1764	4907:776\$094		
1765	4734:372\$655		
1766	6449:798\$161		
1767	5061:338\$698		
1768	5713:445\$045		
1769	5292:952\$286		
1770	5371:955\$802		
1771	5395:375\$747		
1772	6508:782\$123		
1773	4868:995\$314		
1774	5479:695\$143		
1775	5206:876\$610		
1776	6177:194\$745		
1777	6083:560\$958		
1778	6014:414\$287		
1779	6006:785\$641		
1780	5911:557\$417		
1781	5642:015\$205		
1782	5965:536\$293		
1783	5871:677\$771		
1784	6412:545\$336		
1785	5852:167\$597		
1786	4717:742\$574		
1787	5046:849\$257		
1788	6236:725\$635		
1789	5669:097\$384		
1790	6618:878\$421		
1791	5880:821\$488		
	168.366:905\$673	168366905\$673	

N. B. 5:612:230 \$ 189 rs. entrada média de cada anno, que são 14 milhões e 30 mil cruzados e 230 \$ 189 réis.

PROVERBIOS.

Não ha amante discreto, nem louco que saiba aconselhar.

O Homem póde muitas vezes fallar como sabio, e obrar como louco.